

OS MODELOS DE ORGANIZAÇÃO DAS ESCOLAS DOMINICAIS PRESBITERIANAS NO BRASIL: O IDEAL E O POSSÍVEL

NICOLE BERTINATTI*

ESTER FRAGA VILAS-BÔAS CARVALHO DO NASCIMENTO**

INTRODUÇÃO

Na perspectiva da Nova História Cultural, este trabalho insere-se na História da Educação, a qual tem possibilitado aos pesquisadores exceder barreiras, permitindo aos mesmos fundamentar teoricamente seus objetos de estudos, trocando informações e explorando outras áreas do conhecimento que vem a enriquecer as suas pesquisas. Diante disto, alguns conceitos e procedimentos metodológicos tornam-se importantes para a compreensão deste texto.

Compreendo o método como uma maneira de proceder adequadamente diante de um determinado conteúdo, “o próprio método, portanto, passa a ser concebido como instrumento de trabalho, como ferramenta que pode ser bem ou mal utilizada” (GRESPLAN, 2005:293), o qual exigirá do pesquisador uma execução aguda na elaboração de seu procedimento, é o que norteia uma pesquisa. Um dos procedimentos úteis utilizados nessa pesquisa é o *método indiciário*, elaborado por alguns historiadores, como é o caso do italiano Carlo Ginzburg (2007) para auxiliar no desvelamento de práticas educacionais e culturais. Este método explicita a condição de que o pesquisador deve estar sempre atendo as minuciosidades dos textos, não se baseando nas características mais visíveis e sim nas particularidades que forma o todo.

Este trabalho propõe analisar as práticas de educação extra-escolar, levando em consideração que as práticas de ensino podem ser realizadas também fora dos muros das escolas, embasando-se no conceito de cultura escolar elaborado por Dominique Julia (2001:11) quando afirma que,

* Graduada em Pedagogia pela Universidade Tiradentes, atualmente é aluna bolsista do Mestrado em Educação (PROSUP/CNPq/PROCAPS/UNIT) do Programa de Pós-Graduação em Educação da mesma Universidade.

**Doutora em Educação (PUC-SP), responsável pela Diretoria de Pesquisa e Extensão da Universidade Tiradentes e coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Educação.

para além dos limites da escola, pode-se buscar identificar em um sentido mais amplo, modos de pensar e de agir largamente difundidos no interior de nossas sociedades, modos que não concebem a aquisição de conhecimentos e de habilidades senão por intermédio de processos formais de escolarização.

As Escolas Dominicais foram um dos mais eficazes meios de disseminação do Protestantismo no Brasil, pois serviu como a fonte mais segura de conversão dos católicos através da leitura e pregação da Bíblia. Cabe aqui ressaltar o conceito de representação, definido por Roger Chartier (1999), que diz que ao criarem representações, os indivíduos descrevem a realidade tal como pensam que ela é ou como gostariam que fossem. Dessa forma, os missionários viam nas Escolas Dominicais uma das maneiras de modificar a sociedade brasileira que, “no entendimento dos norte-americanos, ignorantes e supersticiosos sobre os preceitos bíblicos” (NASCIMENTO, 2007a:19).

Outro conceito útil para compreender as Escolas Dominicais como espaços educacionais é o de educação extra-escolar que, segundo Jorge Nascimento (2008:8), deve-se compreender “as prerrogativas que são próprias à escola como agência educativa e aquelas que estão em outros espaços, outras agências de Educação organizadas pelas práticas da vida social”. A agência educativa refere-se à educação formal de uma escola, enquanto a agência de educação organizada caracteriza-se por uma educação com objetivos traçados e uma organização consciente, porém fora dos muros da escola, com uma atividade que visa um aprendizado. Esse tipo de organização e relação dependerá do meio social em que o indivíduo estiver inserido, pois, além de frequentar a escola, eles praticam e se inserem em outras atividades, as quais podem ser organizadas ou não. No caso das Escolas Dominicais, elas foram organizadas para atingir alguns objetivos, dos quais, sendo primordial o de conversão através de estudos da Bíblia.

As fontes empregadas para a fundamentação deste texto foram os livretos intitulados *Importância da Pedagogia Religiosa na Consolidação da Igreja Presbiteriana do Brasil* (KERR, 1925), a *Primeira convenção regional das Escolas Dominicais no Rio de Janeiro* (REIS, 1909), *A Escola Dominical tesouro de bençãos: guia teórico e prático* (LOURO, 1919) e algumas edições do jornal *O Puritano*.

O PROTESTANTISMO E A ESCOLA DOMINICAL

Os estudos realizados na História da Educação brasileira têm demonstrado que a religião e a educação sempre estiveram interligadas. Com a Reforma Protestante no século XVI, uma nova identidade religiosa desenvolveu-se e, conseqüentemente, alguns conceitos e valores também foram se modificando, uma vez que as pessoas passaram a ter acesso à leitura da Bíblia em sua língua vernácula, ao canto comum de hinos e as orações. Os reformadores publicavam impressos de linguagem popular, os quais favoreciam fácil acesso, possibilitando a leitura para os mais novos fiéis.

No Brasil, o Protestantismo começou a ser implantado no século XIX, com a circulação de impressos através do trabalho desencadeado pelas Sociedades Bíblicas, as quais eram associações voluntárias¹ que utilizaram como estratégia a oração e o discurso para instalar igrejas e escolas, além disso, publicavam livros na imprensa e, antes mesmo de atuarem no Brasil, realizaram um programa em diversos países que tinha como intenção a divulgação da Bíblia na língua vernácula de cada povo. No Brasil venderam e distribuíram milhares de exemplares da Bíblia, além de livros, livretos, opúsculos, folhetos e panfletos.

Até a década de 50 do século XIX, foram introduzidos no Brasil aproximadamente 4.000 impressos protestantes pelas Sociedades Bíblicas, através de seus agentes e colportores. O agente geralmente era um missionário, com nível superior, e representante da instituição no país. O colporteur – palavra originária do francês – era o mascate, vendedor ambulante que levava sua mercadoria numa caixa de pinho quadrada. No Brasil, a palavra colporteur adquiriu outro sentido, passando a significar o vendedor de Bíblia (NASCIMENTO, 2007b:93).

O plano de inserção do Protestantismo contava também com a implantação de escolas no Brasil, no caso a Escola Dominical que, “ao lado do culto doméstico dos ‘crentes’, tornou-se o núcleo de uma nova igreja e, em muitas localidades, a única igreja

¹ As associações voluntárias também chamadas de sociedades voluntárias, ou sociedade de idéias, foram formas modernas de sociabilidade que ofereceram novos modelos associativos em meio de uma sociedade globalmente organizada em torno de uma estrutura corporativa hierárquica (ordens) e composta na essência por atores sociais coletivos. Teve início no século XVII na Inglaterra, mas desenvolveu-se principalmente na América do Norte durante o século XIX (NASCIMENTO, 2007b:55).

que o povo daquela área conhecia” (HAHN, 1989:274). A Escola Dominical era uma parte importante do culto protestante, constituindo um caráter central de todas as suas igrejas.

A Escola Dominical é uma estrutura educacional caracterizada pelos ensinamentos bíblicos e pela doutrina de cada igreja protestante. A expressão dominical deve-se ao fato de acontecer aos domingos. Criada em 1781, por Robert Raikes, na Inglaterra, surgiu com o propósito de evangelizar crianças que ficavam sem atividade durante os serviços de domingo. A escola de Raikes tinha como objetivo principal alfabetizar através da Bíblia e do catecismo, além de ministrar aulas de religião, como a intenção de reformar a sociedade, modificando-lhes o caráter através dos ensinamentos bíblicos.

A idéia de instalar Escolas Dominicais logo se espalhou por diversos países e, no Brasil, a concretização de Robert Raikes foi seguido inicialmente pelo missionário metodista Justin Spaulding em 1836, ao implantar no Rio de Janeiro a Escola Dominical Sul-Americana, com mais de 40 crianças e jovens distribuídos em um total de oito classes. Contudo, a missão metodista encerra-se no ano de 1841 e, conseqüentemente, encerra também a Escola Dominical. Segundo Costa (2010:4), naquele mesmo ano ou em 1842, o Rev. Spaulding retornou aos Estados Unidos. A missão Metodista só teria o seu reinício definitivo no Brasil em 05/08/1867, com a chegada do Rev. Junius Eastham Newman (1819-1895)”.

Em 19 de agosto de 1855, o casal Sarah Poulton Kalley e Robert Reid Kalley implantou, em território brasileiro, na cidade de Petrópolis no Rio de Janeiro, a Escola Dominical de modo definitivo. Em sua própria casa, Sarah Kalley recebeu poucas crianças, ensinando-as cantos e orações, mas foi o suficiente para que o seu trabalho rendesse bons frutos e atingisse vários locais do Brasil. Em 1858, aquela Escola Dominical deu origem à primeira igreja protestante brasileira, a Igreja Evangélica Fluminense. Como conseqüência desta ação inicial, “até 1934, existiam 3.912 Escolas Dominicais com 14.832 professores e 166.164 alunos” (NASCIMENTO, 2007a:18).

Com a ação missionária, o número de adeptos ao Protestantismo cresceu rapidamente e as casas evangélicas se expandiram, apesar de serem razoavelmente distantes. Sendo assim, o missionário Kalley orientou que todos que desejassem deveriam realizar em suas próprias casas o culto doméstico, assumindo a categoria de

Escola Dominical, conduzida por leigos, faltando apenas os sacramentos, que deveriam ser feitos por um pastor. Com essa prática, as Escolas Dominicais foram crescendo e se organizando cada vez mais, passando então a serem organizadas em congregações, pequenas células da igreja e, por último, tornavam-se novas igrejas dirigidas por pastores. Essas novas igrejas passavam então a ser o centro de outras novas Escolas Dominicais, conduzidas novamente por leigos, até se concretizar uma nova igreja.

O MODELO DE ORGANIZAÇÃO DA ESCOLA DOMINICAL PRESBITERIANA

Desde a chegada do casal Kalley no Brasil, no ano de 1855, a proposta de criação das Escolas Dominicais tornou-se permanente. A partir de então esta instituição não parou de expandir. O primeiro missionário presbiteriano a chegar em território brasileiro em 1859, Simonton, relatou em seu diário que “no último domingo, dia 22 [de abril de 1860], realizei uma Escola Dominical em minha própria casa” (SIMONTON, 2002:140).

Foi assim a organização inicial das Escolas Dominicais, nas casas dos próprios missionários que atuavam também como professores. Com o passar do tempo e, conseqüentemente, o crescimento desta instituição, sua organização foi sendo modificada, passando a funcionar em uma sala anexa á igreja ou na própria sala do culto.

No início do século XX intelectuais protestantes, dentre eles professores, superintendentes e demais indivíduos engajados com as Escolas Dominicais se reuniam para discutir assuntos relacionados a instituição, inclusive sobre a melhor maneira de organizá-la, desenvolvendo assim uma forma administrativa e pedagógica no interior das escolas.

Na década de 20 do século XX, as propostas de organização do espaço físico apresentaram seus princípios baseados no discurso higienista, tais como boa iluminação, ventilação e espaço amplo. Baseavam-se ainda nos avanços em relação a pedagogia, que prezava por espaços adequados a cada faixa etária. Kerr (1925:11) apresentou ilustrações “do equipamento modelo da escola dominical, em gravura”, conforme segue abaixo.

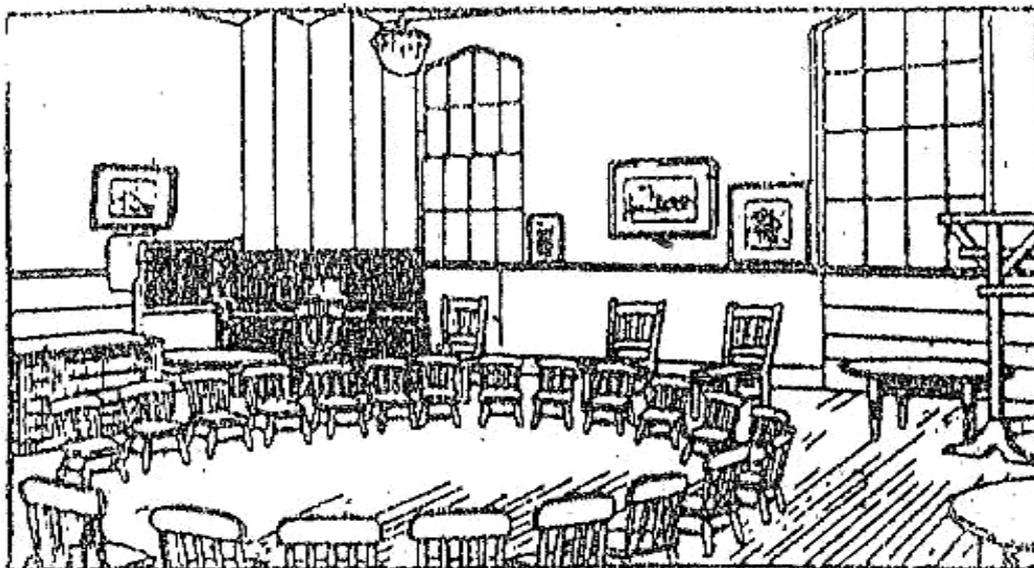


Figura 1: Departamento de Principiantes ou Jardim de Infância. Fonte: KERR, W. C. **Importância da Pedagogia na Consolidação da Igreja Presbiteriana do Brasil**. São Paulo: Irmão Ferraz, 1925.

Na figura 1 é possível observar o modelo para as salas de aula do jardim de infância, com grandes janelas que possibilitariam um espaço arejado. Destaca-se também as gravuras, imagens e o posicionamento das cadeiras, colocadas de maneira estratégica para que as crianças ficassem próximas e visualizem a todos, sem mesas, facilitando as atividades lúdicas destinadas a essa faixa etária, enquanto as cadeiras para os professores eram posicionadas atrás das crianças. Este tipo de organização, em círculo, demonstrava a igualdade entre os membros da igreja.

Tendo em vista que a Escola Dominical prezava por um número reduzido de alunos em cada sala, a análise da figura também permitiu observar que havia 21 cadeiras para as crianças e três cadeiras para adultos, que provavelmente seria para o professor e os seus auxiliares, uma vez que, com 21 crianças o professor não seria capaz de colocar em prática o grande objetivo desta instituição, a formação do caráter. De acordo com Kerr (1925:15) a redução do número de alunos era uma das diferenças entre a Escola Dominical e as escolas seculares,

na escola secular há classes de 30 a 35 alunos, sem prejuízo para o seu objetivo que é adquirir conhecimentos. Nas classes de Escola Dominical, de seis a dez crianças bastam, desde que se visa a formação do caráter, e nesse caso é de importância considerável a equação pessoal.

Levando em consideração a fala de Kerr (1925), a recomendação para as salas de aula do Departamento Primário continuaria seguindo o mesmo princípio, no entanto com algumas características distintas, conforme pode-se observar na Figura 2.

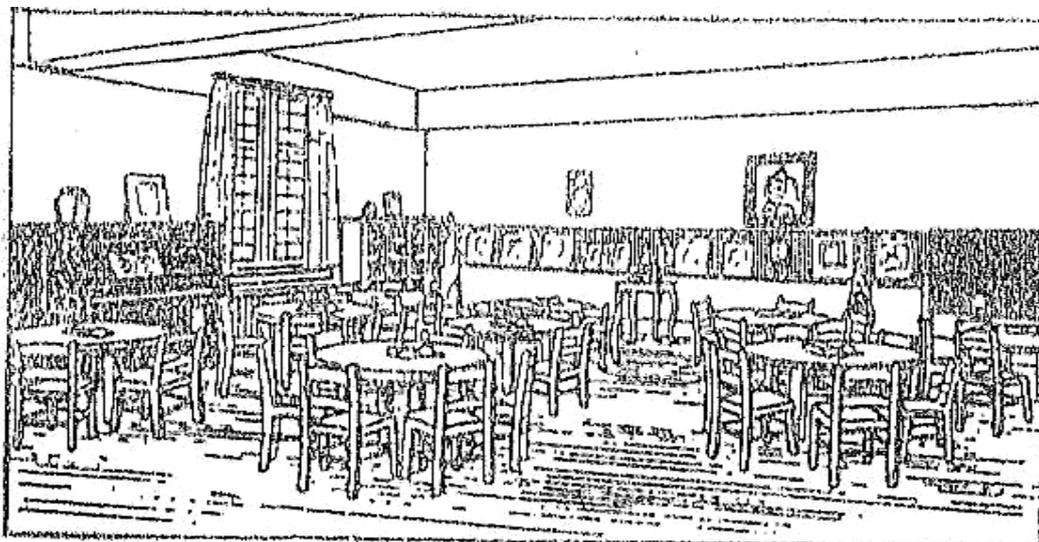


Figura 2: Departamento Primário. Fonte: KERR, W. C. **Importância da Pedagogia na Consolidação da Igreja Presbiteriana do Brasil**. São Paulo: Irmão Ferraz, 1925.

Para este departamento a sala permaneceria ornamentada, porém, as cadeiras estariam distribuídas entre as mesinhas, uma vez que as atividades propostas para esta faixa etária exigia este tipo de organização. As cadeiras precisariam ser de acordo com o tamanho da criança, assim como as mesas, sendo regra que os pés do aluno encostassem no chão quando sentado. “[...] a criança em cadeira alta, sem descanso para os pés acha dificuldade em concentrar suas faculdades na lição e não pode usar bem as mãos em escrever [...]” (O PURITANO, 17 de setembro de 1914:4).

A Escola que não tivesse condições de possuir cadeiras apropriadas utilizava bancos, os quais também necessitavam corresponder a altura das crianças. Já as recomendações para o departamento intermediário, foram registradas segundo a Figura 3.

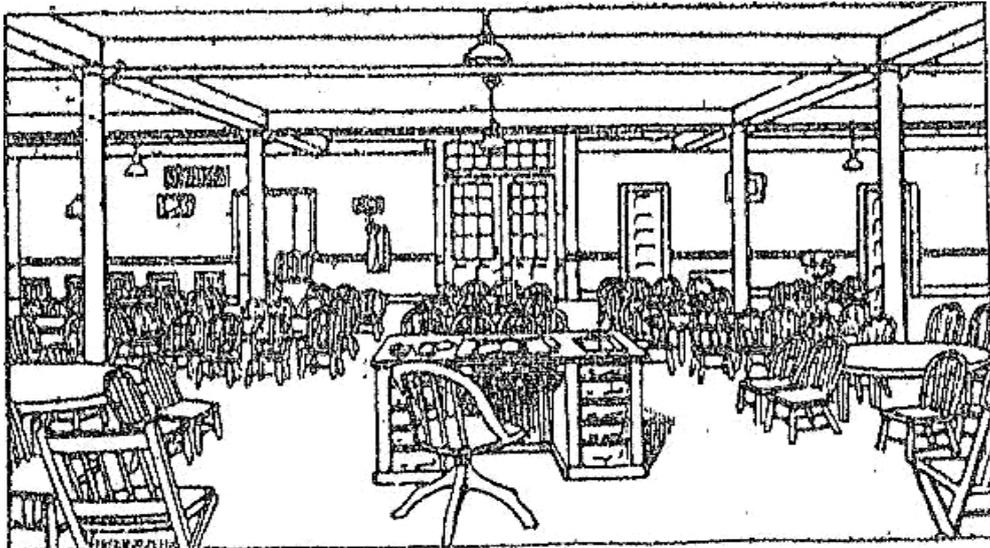


Figura 3: Departamento Intermediário. Fonte: KERR, W. C. **Importância da Pedagogia na Consolidação da Igreja Presbiteriana do Brasil**. São Paulo: Irmão Ferraz, 1925.

A figura 3 demonstra que as sugestões para o departamento intermediário consistiam na adequação conforme a idade do público a ser atingido. As cadeiras arrumadas para a Abertura devocional, ou seja, um momento inicial para o “cultivo de atitudes como a lealdade, o amor, a reverência e a susceptibilidade de incentivos espirituais” (KERR, 1925:15). Também ressaltavam que as salas das classes juvenis e infantis deveriam ser afastadas umas das outras, assim teriam total liberdade de cantar, recitar ou escutar textos.

As Escolas Dominicais também contavam com um departamento destinada aos adultos e outra para moços ou moças, conforme as Figuras 4 e 5.

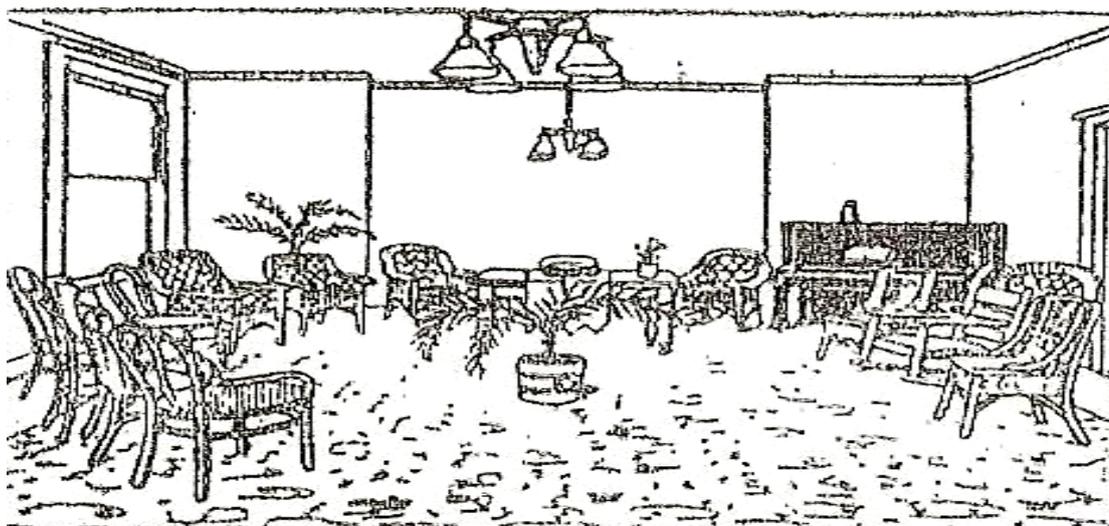


Figura 4: Sala para uma classe de adultos. Fonte: KERR, W. C. **Importância da Pedagogia na Consolidação da Igreja Presbiteriana do Brasil.** São Paulo: Irmão Ferraz, 1925.

A sala para os adultos remeteria a um espaço mais clássico, propício para uma conversa mais abrangente. As cadeiras em círculo, o chão coberto por um tapete, um piano, duas plantas e uma mesa central, provavelmente para facilitar a comunicação e oferecer um ambiente agradável.

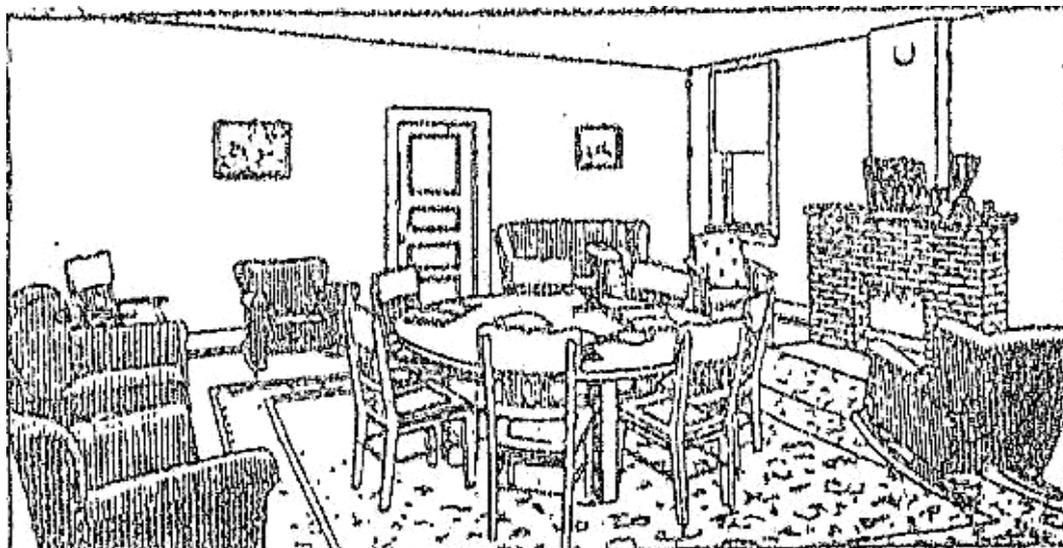


Figura 5: Sala para uma classe de moços ou moças. Fonte: KERR, W. C. **Importância da Pedagogia na Consolidação da Igreja Presbiteriana do Brasil.** São Paulo: Irmão Ferraz, 1925.

A classe para moços ou moças seria um lugar prazeroso, alegre, com poltronas, cadeiras e uma mesa central, formando um ambiente favorável para conversas e debates

entre os jovens. Percebe-se em cada figura a distinta organização do espaço físico e os recursos destinados a cada faixa etária.

Porém, os debates trazidos nas fontes mostram que na prática nem sempre era assim que funcionava. De acordo com Louro (1919:3) “há métodos e organizações tão complicados que dependem de elementos tão preparados que em muito poucos casos poderiam ser adotados”. Na maioria das vezes, as igrejas brasileiras não tinham condições financeiras para arcar com tais construções e adaptações, diferentemente da América do Norte onde já havia esse tipo de comodidade. Nestes casos os prédios destinados aos cultos também serviam para as aulas da Escola Dominical. Para isto alguns recursos eram utilizados, evitando misturar todas as classes na mesma sala, o que dificultava tanto o ensino como a disciplina. Medidas como, dividir o espaço com biombos, cortinas ou paredes móveis serviam de estratégias para separar as classes e facilitava a sua retiradas para a realização do culto.

As Escolas Dominicais eram divididas por departamentos, que por sua vez se subdividiam em classes de acordo com a faixa etária e o gênero dos alunos. Foram várias as propostas de divisões, no entanto, verificou-se que alguns departamentos mantinham um determinado padrão.

Uma das propostas publicada no jornal O Puritano (1914) diz que antes dos 10 anos e depois dos 30 anos, os dois sexos podem ser ensinados na mesma sala, mas entre essas idades os gostos e os problemas são diferentes, desta maneira, haveria maior proveito em ensiná-los separadamente.

Quanto aos professores, o ideal era que o Departamento de Infância, ou seja, até os 10 anos, as mulheres assumissem as aulas, pois possuíam um instinto materno que atenderia as necessidades das crianças. Após essa idade, dos 10 aos 30 anos, quando os alunos eram separados por sexo, o ideal seria que o professor fosse do mesmo sexo dos alunos. Em uma turma de meninos, um professor seria mais adequado, uma vez que teria mais conhecimento em ajudá-los a enfrentar seus problemas, a mesma coisa com uma turma de meninas.

As Escolas Dominicais funcionavam somente aos domingos no turno da manhã ou da tarde. O tempo da aula era de aproximadamente uma hora, 35 minutos para o ensino da lição e o restante para a cerimônia de abertura e encerramento das atividades. Mais tarde, por volta de 1925 surgiram outras propostas de substituir os exercícios de

abertura por “programa de culto ou serviço religioso” (KERR, 1925:15), no entanto, não foi possível saber se houve mesmo esta substituição, o que as fontes mais apontam é que estes exercícios não poderiam deixar de acontecer, independente da maneira como cada um fosse conduzido, com hinos ou orações.

Igreja Presbiteriana do Rio (...) a Escola Dominical funciona aos domingos, no mesmo Templo, das onze horas ás onze e quarenta e cinco minutos. (...) Congregação Presbiteriana da Ponte do Caju, a Escola Dominical abre-se aos domingos á tarde, ás cinco horas (...) Congregação Presbiteriana de Botafogo, a Escola Dominical funciona das seis ás sete horas da tarde, também aos domingos (...) Igreja Presbiteriana de Niterói, a Escola Dominical abre-se aos domingos, ás onze horas da manhã (O PURITANO, 11 de outubro de 1906:6)

A escola deveria abrir sempre no horário marcado com tudo preparado para receber seus alunos. Cada “oficial, professor e aluno devem almejar que a escola dele seja a melhor na cidade, no estado ou na Igreja toda. Uma das coisas que mais contribui para melhorar a escola é disciplinar seus membros” (O PURITANO, 10 de setembro de 1914:3).

Na Escola Dominical Presbiteriana o professor era visto como o seu fio condutor. Ele era o grande responsável em atrair as crianças a frequentar e a permanecer na Escola, com seu afeto, amor e respeito. De acordo com Marchant (MARCHANT *Apud* REIS, 1909:21),

a simpatia não se conquista por meio de um sistema, nem tão pouco por meio de um belo edifício, nem ainda pela distribuição de bonitos prêmios. A simpatia brota espontânea no coração da criança quando aquecido em uma atmosfera onde reine a simpatia e o amor.

Portanto os dirigentes da Escola Dominical deveriam escolher conscientemente seus professores para que estes fossem capazes de aproximar e sustentar estas crianças no âmbito escolar e religioso.

Contudo, a escolha dos professores nem sempre era realizada de maneira consciente, muitas vezes feita por um certo parentesco com o pastor ou superintendente da Escola, o que acabava atrasando seu desenvolvimento interno.

Para Braga (BRAGA *Apud* REIS,1909:14) o que mais prejudicava a Escola Dominical era “a falta de bom senso”, compreendido por ele como a ciência de fazer

tudo direito. Destarte, a Escola Dominical não necessitava de pessoas excepcionais ou condições extraordinárias, pelo contrário, bastaria ter bom senso, fazer tudo certo, começando pela escolha do professor. Foi possível perceber nos manuais um discurso linear sobre as características que o professor da Escola Dominical Presbiteriana deveria ter, o que não significava que todos tivessem estas mesmas qualificações.

A primeira qualificação que o professor deveria possuir era ser humilde e ter consciência dos princípios cristãos protestantes, afinal o objetivo principal era justamente formar um caráter cristão em seus alunos. Já a segunda estava em conhecer a matéria que iria ensinar, ou seja, a Bíblia. Ele precisava ter o conhecimento suficiente para contar as histórias e tirar as dúvidas de seus alunos. Para cada classe que fosse ensinar era preciso ter informações suficientes sobre as narrativas bíblicas, só assim seria capaz de conseguir associar e aplicar os ensinamentos ‘divino’ na vida prática de cada um.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados reunidos até aqui apresentam a Escola Dominical como uma prática pedagógica, onde o principal objetivo modificar o caráter cristão através da Bíblia. As Escolas Dominicais foram um dos mais eficazes meios de disseminação do Protestantismo no Brasil. Serviram como a fonte mais segura de conversão dos católicos através da leitura e pregação da Bíblia, sendo uma estratégia de atrair novos adeptos ao Protestantismo.

A Escola Dominical era idealizada como uma instituição imprescindível da igreja, existindo para levar melhor instrução ao povo sobre o conhecimento da Bíblia, sendo este o seu desígnio principal. A sua finalidade era ensinar a Palavra de Deus através de professores bem preparados para conduzir os cristãos ao “serviço de Deus e da humanidade” (REIS, 1909:13), com o poder de instruir para a salvação através da fé em Cristo Jesus.

As Escolas Dominicais foram crescendo e se organizando cada vez mais, passando então a serem organizadas em congregações, pequenas células da igreja e, por último, tornavam-se uma nova igreja dirigida por pastores. Essas novas igrejas

passavam então a ser o centro de outras novas Escolas Dominicais, conduzidas novamente por leigos, até se concretizar uma nova igreja.

Foi possível perceber as características que o professor da Escola Dominical deveria possuir. Ter paciência, tato, firmeza e ser conhecedor profundo da Palavra de Deus, além de conquistar a confiança dos seus alunos. Em suma, o professor necessitava ter conhecimento da pedagogia, seus princípios e metodologias adequadas a cada sala de aula, ele era o ponto fundamental para o sucesso de uma Escola Dominical.

Nas entre linhas ficou perceptível que os únicos elementos imprescindíveis para uma Escola Dominical era o aluno, o professor e a Bíblia, todo e restante abordado neste tópico poderia ser bem vantajoso, mas não indispensável, ou seja, “se temos que ensinar meia dúzia de garotos num rancho ou debaixo de uma árvore, podemos fazer isso alegre e efetivamente” (O PURITANO, 31 de dezembro de 1914:4), o admirável era realizar uma Escola Dominical em função da sua importância.

FONTES

LOURO, Henrique. **A Escola Dominical tesouro de bênçãos: guia teórico e prático.** Rio de Janeiro: Eduardo & C., 1919, p. 72.

KERR, W. C. **Importância da Pedagogia na Consolidação da Igreja Presbiteriana do Brasil.** São Paulo: Irmão Ferraz, 1925.

REIS, Álvaro. **Primeira convenção regional das Escolas Dominicais no Rio de Janeiro.** Rio de Janeiro: Typ. Methodista, 1909.

Jornal **O Puritano.** São Paulo: Arquivo Histórico Presbiteriano de São Paulo.

REFERÊNCIAS

CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações.** Lisboa: Difel, 1990.

GINZBURG, Carlo. **O fio e o rastro.** São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

GRESPLAN, Jorge. Considerações sobre o método. In: **Fontes Históricas.** São Paulo: Contexto, 2005, p. 291-295.

HAHN, Carl Joseph. **História do culto protestante no Brasil.** São Paulo: Aste, 1989.

JULIA, Dominique. A cultura escolar como objeto histórico. In: **Revista Brasileira de História da Educação.** Campinas: Autores Associados, jan./jun, n.1, 2001, p. 9-43.

NASCIMENTO, Ester Fraga Vilas-Bôas Carvalho do. **Imprensa protestante nos Oitocentos.** Projeto de Pesquisa. Aracaju: UNIT/PPED, 2007a.

NASCIMENTO, Ester Fraga Vilas-Bôas Carvalho do. **Educar, curar, salvar: uma ilha de civilização no Brasil tropical.** Maceió: EDUFAL, 2007b.

NASCIMENTO, Jorge Carvalho do. **A escola de Baden-Powell: cultura escoteira, associação voluntária e escotismo de Estado no Brasil.** Rio de Janeiro: Imago, 2008.

SIMONTON, Ashbel Green. **Diário: 1852-1866.** Tradução: Daisy Ribeiro de Moraes Barros. 2ª ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2002.

REFERÊNCIAS ELETRÔNICAS

COSTA, Hermisten Maia Pereira da. **A origem da Escola Dominical no Brasil: esboço histórico.** Maringá, 2010, 14 p. Disponível em: http://www.mackenzie.br/fileadmin/Graduacao/EST/DIRETOR/Introducao_a_Educacao_Crista_15_-_Final.pdf. Acesso em 17 de junho de 2010, às 09 horas e 48 minutos.